

# PESSOA SEM AFILIAÇÃO RELIGIOSA E ADOECIMENTO: ESPIRITUALIDADE NÃO RELIGIOSA DE PACIENTE EM CUIDADOS PALIATIVOS

*Fabiana Faria Franco \**

*Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Brasil*

**Resumo:** As pesquisas que relacionam saúde e espiritualidade são fundamentalmente importantes para integrar o cuidado com a dimensão espiritual de maneira ética e coerente. Este artigo busca destacar, por meio de um estudo de caso, a experiência da espiritualidade não religiosa de uma paciente em cuidados paliativos. Para isso, utilizamos uma abordagem qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica e entrevista individual, para identificar em que medida o cotidiano e a experiência de uma única pessoa se alinham com as teorias previamente estabelecidas sobre desinstitucionalização, pessoas sem religião e espiritualidade não religiosa. Além de explorar como o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda nos termos de Marià Corbí pode colaborar positivamente no trato com pacientes que se autodeclaram sem religião, observamos que, mesmo sem pertencer a uma instituição, a paciente vivencia uma espiritualidade não religiosa, manifestando crenças que pertenciam à sua instituição de origem, da qual se desinstitucionalizou, o que a caracteriza como sem religião com crença. A história de vida evidencia a importância de considerar a dimensão espiritual de forma individualizada, respeitando sua trajetória, independentemente de pertencer ou não a uma denominação religiosa. Sendo assim, fica claro a necessidade de se ter profissionais preparados para oferecer e promover um cuidado mais humano e respeitoso.

**Palavras-chave:** Desinstitucionalização; Sem religião; Sem religião com crença; Espiritualidade não religiosa; Saúde; Cuidados paliativos

---

\* Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Bolsista FAPEMIG. E-mail: fabiana.defaria@hotmail.com. ORCID iD: < <https://orcid.org/009-0003-5491-350> >

## Introdução

Existem várias maneiras de compreender o significado e a importância da espiritualidade na vida humana. É possível abordar esse tema em diferentes áreas, como teologia, medicina, psicologia, filosofia, história, sociologia, antropologia social, fisioterapia, neurociência, administração e artes (De Souza, 2022).

A compreensão do papel da espiritualidade no contexto dos cuidados em saúde tem sido amplamente discutida na literatura acadêmica, especialmente no que diz respeito à influência dessa dimensão na qualidade de vida, no enfrentamento de doenças e na promoção do bem-estar. Os estudos têm mostrado a relação entre espiritualidade/religiosidade e saúde, destacando benefícios associados à prática religiosa, como maior suporte social, resiliência emocional e estratégias de enfrentamento (Koenig, 2012; Pargament, 2011).

É fundamental não presumir crenças ou comportamentos com base apenas na filiação religiosa ou na origem sociocultural dos pacientes. Até em uma mesma tradição religiosa ou espiritual podem existir variações significativas entre subgrupos, tanto nas práticas quanto nas interpretações de textos sagrados e nas condutas adotadas. Ademais, o aumento da diversidade cultural e do sincretismo religioso reforça a necessidade de compreender individualmente as crenças e expressões espirituais de cada pessoa (Puchalski *et al.*, 2014).

Nesse contexto de sociedade pós-secular, marcada por transformações na religiosidade tanto no Ocidente quanto no Oriente, observa-se uma nova configuração no campo religioso. Essa realidade é evidenciada pela perda de predominância de uma religião dominante, pela consolidação de um cenário religioso diversificado e pelo aparecimento de categorias como os “não religiosos”, os “agnósticos” e os “crentes” que se identificam como “espirituais” ou “espiritualizados”. Além disso, é importante considerar o crescimento de novas formas de expressão espiritual, fundamentadas em práticas como a atenção plena, a arte, a criatividade e atividades de cunho contemplativo (Villas Boas *et al.*, 2023).

A literatura aponta que a espiritualidade, na qualidade de busca por sentido, conexão e transcendência, não está necessariamente vinculada à religião institucionalizada. Segundo Marià Corbí (2010), a qualidade humana profunda pode ser cultivada independentemente de uma afiliação religiosa formal, sendo uma dimensão essencial para o

bem-estar humano. Assim, indivíduos sem religião podem experienciar e desenvolver práticas espirituais ou de reflexão que contribuem para sua saúde mental e emocional, mesmo sem uma crença religiosa explícita (Zinnbauer, Pargament & Scott, 1999: 889-919).

Para contribuir com os estudos sobre o que seria uma espiritualidade sem vínculo religioso, utilizamos a disciplina Epistemologia Axiológica (EA), de Mariã Corbí, que entende a espiritualidade como a qualidade humana e a qualidade humana profunda. Essa abordagem remete a uma espiritualidade laica, ou seja, sem crenças, religiões ou deuses (Corbí, 2010). Nosso questionamento central é: de que maneira um indivíduo que se identifica como não religioso, mas que tem crenças, vivencia o que ele entende por fé ou espiritualidade? Além disso, abordamos a questão da espiritualidade não religiosa e dos sem religião como resultados de um processo de individualização das crenças e de desinstitucionalização da vida religiosa.

O trabalho de pesquisa é orientado pelo eixo teórico-metodológico da disciplina de ciência da religião, adotando uma abordagem empírica e sistemática para realizar estudos de perfil não normativo. As investigações estão vinculadas às subáreas da epistemologia das ciências da religião e às ciências empíricas da religião. O objetivo é compreender, por meio de metodologias contextuais, a relação entre teoria e prática na interpretação dos fenômenos religiosos, explorando as interações entre o cotidiano, as práticas religiosas, a religião vivida e a religião material. A pesquisa busca analisar as manifestações e transformações desses fenômenos em contextos específicos, espiritualidade e saúde, contribuindo para uma compreensão aprofundada das dinâmicas religiosas contemporâneas.

O nosso recorte focaliza um estudo de caso, uma história de vida de uma paciente em cuidados paliativos. Por meio de um questionário semiestruturado, foi possível coletar e analisar os dados, o que possibilitou um entendimento mais aprofundado das particularidades e características relacionadas ao tema. Essa abordagem é comum em estudos de natureza qualitativa, como no caso deste trabalho. Segundo Haguette (1987), a história de vida é uma técnica que oferece uma compreensão do processo, pois exige um conhecimento íntimo da experiência do outro, permitindo captar detalhes relevantes do fenômeno com base na vivência do sujeito.

A história de vida da paciente permitiu compartilhar de que maneira uma pessoa vivencia, em um momento de vulnerabilidade, sua espiritualidade. No caso de Maria, uma espiritualidade não religiosa. Como afirma Rieger (2023: 128, *tradução nossa*), “[c]oncentrar-se nos participantes em vez de discursos permite uma compreensão mais sutil das práticas religiosas”. Reconhecer as pessoas como sendo únicas, com percepções e sentimentos únicos, é um fator de extrema importância para a promoção da qualidade de vida, especialmente durante um processo de adoecimento. Segundo Puchalsk *et al.* (2014), no consenso internacional sobre espiritualidade nos cuidados em saúde, ficou determinado que o cuidado espiritual deve ser oferecido a todas as pessoas doentes, seus familiares e à equipe multidisciplinar, fundamentando-se em princípios de equidade, independentemente de sua origem étnica, religiosa, econômica e/ou cultural, e não restrito ao âmbito dos cuidados paliativos, mas abrangendo todo o sistema de saúde. No âmbito da saúde, a dimensão espiritual “se torna gradativamente necessária, na prática da assistência à saúde” (Fontão, 2022: 77). Esse fato nos alerta para a necessidade de se estabelecer diálogos em meio a um vasto mar de possibilidades, que podem estar fundamentadas tanto na religião/religiosidade quanto na espiritualidade não religiosa.

A motivação para a realização deste estudo surgiu tendo como base a experiência de voluntariado em uma organização não governamental (ONG)<sup>1</sup> dedicada à assistência e ao apoio a pacientes oncológicos. Durante as atividades realizadas por essa ONG, tivemos a oportunidade de ouvir os relatos de várias pacientes, nos quais a religião e a religiosidade eram elementos profundamente presentes no enfrentamento de uma doença. Entre essas histórias, uma paciente em particular chamou a nossa atenção.

Maria, paciente oncológica em cuidados paliativos, focada no seu tratamento e na melhor forma de integrá-lo à sua rotina, sempre buscou, dentro do possível, manter o equilíbrio, não permitindo que o câncer passasse a ter um lugar de destaque na sua vida, ofuscando áreas que ela tinha como fundamentais: seu casamento, sua família e seu trabalho. Uma linda mulher, no auge dos seus 34 anos, que tinha como características marcantes: cabelo azul, inúmeras tatuagens e um sorriso vibrante. Esposa, filha, irmã, madrinha e mãe de *pet* (cachorro). Diagnosticada com câncer pulmonar – CPNPC ALK-positivo (câncer de pulmão de não

pequenas células/*Anaplastic lymphoma kinase*), sítio primário, metástase na coluna e no fêmur. Maria, que se denominava sem religião ou ideologia, buscava, por meio do seu trabalho, do amor do seu marido e da sua família, realizar da melhor maneira o seu tratamento paliativo, o que fez com que ela desenvolvesse uma espiritualidade não religiosa, desinstitucionalizada, baseada na sua realidade, nas suas vivências e nos seus limites como ser humano. Segundo Ritz (2023: 437-438), “A desinstitucionalização, que resulta na individualização das crenças, parece contribuir também para a individualização da espiritualidade”, características presentes na história de vida de Maria. Isso nos faz querer compreender como uma pessoa sem religião se posiciona diante de um contexto de uma enfermidade grave. Maria nos trouxe sua opinião sobre a perspectiva de outras pacientes, que de certa forma a incomodava, com quem ela teve contato no grupo de apoio, em relação à temática da espiritualidade, da religiosidade e da saúde:

E, assim, eu tenho cada dia ficado mais quieta. Eu já cheguei até a sair do grupo, porque, assim, as próprias pacientes têm uma visão muito ferrenha sobre essa questão de religião. Então, se chega uma pessoa nova ali falando, todas ali já receberam o diagnóstico. A gente sabe o quão difícil é, e aí o tempo todo, todas as mensagens para uma pessoa que chega são: “Ah, tem que ter fé em Deus. Se não tiver fé em Deus, você não aguenta passar por isso”. Gente, então quer dizer que um ateu vai morrer na mesma hora em que receber o diagnóstico? (Maria, 2023).

Quando Maria citou a questão da abordagem do trato com pacientes que se denominam ateus, foi possível trazer para o diálogo os sem religião. Perguntamos se ela achava importante esse debate dentro do grupo ou em qualquer outra instituição que trabalhe com pacientes em processo de adoecimento. Maria foi categórica na sua argumentação:

Às vezes, parece que é uma instituição religiosa e não um grupo de apoio a pacientes oncológicos. Então, assim, não que elas não possam ter fé, mas como acolher uma pessoa que não tem fé ou que está com a fé abalada? Porque, se a pessoa não tem, não adianta você falar para ela: “Você tem que ter, você tem que ter fé”. “Ah, beleza, agora eu tenho fé” [risos]. Não é assim que as coisas funcionam. Então... (Maria, 2023).

Durante o período em que Maria participou do grupo de apoio, não havia profissionais capacitados especificamente para abordar as questões relacionadas à dimensão espiritual das pacientes. A questão que Maria nos trouxe poderia ser trabalhada com as pacientes visando

evitar o mal-estar, promovendo um cuidado mais completo e acolhedor. É evidente a necessidade, principalmente entre os profissionais de saúde e demais envolvidos no cuidado integral do paciente, de conscientizar-se sobre a importância da dimensão espiritual. Em outros países, assistentes espirituais devidamente preparados para atender às necessidades espirituais dos pacientes, sejam elas de natureza religiosa ou não, já integram as equipes multidisciplinares de cuidados paliativos.

O convite que Mariã Corbí nos faz de cultivar a qualidade humana, especialmente a qualidade humana profunda, nos permite trabalhar a dimensão espiritual sem a necessidade de uma pertença religiosa. Isso acontece porque, para desenvolver essa qualidade humana, precisamos aprimorar as aptidões que Mariã Corbí chama de dupla tríade IDS-ICS (Corbí, 2020).<sup>2</sup> Ao trabalharmos essas aptidões, essas habilidades, estamos aprendendo a lidar com a espiritualidade, nos termos de Corbí, com a qualidade humana e a qualidade humana profunda, de forma laica e sem a necessidade de crenças específicas. Essas habilidades podem ser praticadas na formação de profissionais de saúde e, posteriormente, aplicadas no dia a dia, promovendo um cuidado mais humanizado e integral.

De acordo com Oliveira (2022), no âmbito de seu desenvolvimento, o cuidado espiritual especializado visa oferecer suporte espiritual a pacientes, complementando a assistência integral conforme diretrizes da Organização Mundial da Saúde. Oliveira observa:

De forma alguma deve-se restringir a vivência da espiritualidade em movimentos religiosos, como orações, leituras de textos sagrados, ou participação em ritos comunitários. Isso visto que ela também pode ser observada em práticas não religiosas, tais como, relações interpessoais, envolvimento em atividades beneficentes, realização de sonhos e projetos, contato com a natureza, dentre outras. Essas experiências, assim como o exercício do amor, do perdão, da solidariedade, sobretudo quando vivenciadas em momentos de sofrimento, ou de adoecimento, têm o potencial de contribuir no enfrentamento das adversidades (Oliveira, 2022: 750).

É nesse contexto que se evidencia a relevância do cuidado espiritual, independentemente das práticas religiosas do paciente. Sendo assim, passamos agora, por meio do processo de desinstitucionalização de Maria, a compreender como e por que ela se declarava sem religião. Em um segundo momento, na fala de Maria, surgem apontamentos sobre religiosidade/espiritualidade e cultivo de uma espiritualidade não religiosa.

## O processo de desinstitucionalização

Estamos vivendo um rápido e contínuo progresso das ciências e das tecnologias nas sociedades contemporâneas, o que gera mudança nos mais diversos setores das nossas vidas. Um dos principais movimentos percebidos pelo pesquisador Marià Corbí devido a esse avanço é o declínio das religiões. O autor afirma que “esse colapso é geral em todas as tradições religiosas europeias” (Corbí, 2010: 15). Esse declínio, segundo Marià Corbí, também está presente nos sistemas axiológicos que herdamos dos nossos antepassados. Essa crise surge quando tomamos consciência de que toda a construção, todas as maneiras de pensar, de sentir, de organizar-se e de viver são uma construção nossa. Não será mais algo imposto, algo que já vem elaborado, cabendo apenas ser posto em prática, conforme era feito pelos nossos antepassados, que utilizavam a religião como sistema de organização e controle. No contexto brasileiro, observamos a espiritualidade, que se desvincula de sistemas de crença, doutrinas ou associações reconhecidas com instituições religiosas. O surgimento dessa concepção de uma espiritualidade que não está atrelada a regimes de crença, doutrinas ou vínculos reconhecidos com instituições cresce com o grupo de pessoas que se reconhecem como sem religião (Senra, Carvalho & Vieira, 2020). Essa tendência pode ser melhor compreendida ao se considerar a tríade formada pela desafeição religiosa, pela desinstitucionalização e pela individualização da fé. O afastamento das instituições religiosas, a desinstitucionalização, é um fator decorrente da desafeição religiosa,<sup>3</sup> como também da individualização da crença, formando, assim, a tríade referida.

A desafeição religiosa é caracterizada por uma insatisfação com a comunidade religiosa, com a liderança, com a limitação da própria doutrina frente à diversidade de experiências vividas e o próprio sentir-se limitado pela própria experiência quando a pessoa se sente mais livre para experimentar a relação com aquilo que a pessoa entende ser Deus, para além de princípios dogmáticos, morais, etc. Esse é um aspecto que nos leva a reconhecer outro elemento, e que nos tem chamado a atenção, ou seja, que o problema parece estar indissociavelmente relacionado com a rejeição da *instituição religiosa*. Nós sabemos que a religião não se limita à questão institucional, é muito mais do que isso, como campo de experiência dos sujeitos e das sujeitas, como relação com o que compreendem como sendo o objeto da sua crença, sua experiência, sua prática religiosa, enfim. Nos relatos do campo das nossas pesquisas, observamos, portanto, um

processo de *desinstitucionalização* (Senra *apud* Senra, Ritz & Ecco, 2022: 548).

Conforme mencionado anteriormente, a desafeição religiosa não apenas leva à desinstitucionalização, mas também à individualização das crenças. No nosso estudo, ficou claro que Maria se sentia à vontade para desenvolver seu próprio método de cultivo da fé. Tal cultivo é realizado com base em suas experiências e convicções pessoais, no que esses sujeitos e sujeitas compreendem e denominam como fé, como crença. Ainda que haja traços de práticas de uma ou mais tradições religiosas, o fazem de maneira diferenciada, conforme o que delimitam como sendo a sua forma de cultivo. Sobre os traços de práticas religiosas presentes no cultivo da espiritualidade, Maria dizia<sup>4</sup> que:

Essas coisas que aconteceram não colocaram em xeque a minha crença ou o meu jeito de lidar. Colocaram em xeque como eu lido com a instituição, religião e isso foi o rompimento. E não, eu não acredito em mais nada porque aconteceram essas coisa... Acho que eu não cabia mais lá dentro (Maria, 2023).

Torna-se mais visível o que podemos chamar de uma certa experiência religiosa, embora essa experiência comece a se tornar independente das instituições que, até então, a moldavam. Isso não significa que essas instituições estejam necessariamente desaparecendo. Certamente, algumas delas podem se enfraquecer, mas outras – ou as mesmas em momentos diferentes – podem se consolidar e se fortalecer. De modo geral, a principal mudança está na relação do indivíduo com sua instituição de referência. Nesse novo cenário, é o aspecto pessoal, a subjetividade e a experiência individual que passam a ter maior destaque (Sanchis, 2006).

Para compreender a desinstitucionalização, é imprescindível familiarizar-se com o histórico da formação religiosa de Maria, bem como sua instituição religiosa de origem. Maria narrou como foi sua formação religiosa, destacando que seus pais são bem religiosos e, ao mesmo tempo, de “cabeça bem aberta”, pois sempre direcionaram os filhos, ela e o irmão, para uma vida em comunidade, especificamente para a Igreja Católica. Eram incentivados a frequentar a catequese e a participar das missas aos domingos, mas sempre de maneira livre, sem imposição, sem “obrigatoriedade”, fato que ela citou ter sido importante para que eles se sentissem confortáveis para ir e participar. Enquanto criança, fez a catequese e, na adolescência, a crisma; o gosto pelo canto sempre a fez estar envolvida, de alguma forma, por meio da música, nas atividades

da igreja. Na universidade, surge o convite para ir ao Grupo de Oração Universitário (GOU), possibilitando um retorno às atividades religiosas.

Mesmo participando ativamente dos eventos do GOU, Maria não deixou de frequentar “os *rocks*”, que são as festas da faculdade. Ela não abandonou os eventos da república onde morava, e isso gerou um mal-estar, um conflito dentro do GOU. Na opinião de quem estava na liderança do GOU, não haveria a possibilidade de conciliar a vida religiosa com as atividades e os eventos fora dos padrões instituídos pela igreja. Sobre esse aspecto, Maria declarou:

Só que eu sempre fui essa pessoa diferente, sempre fui uma pessoa com muita tatuagem. Na época, eu tinha dread no meu cabelo todo, eu morava em república. Então, mesmo estando nessa fase, eu não deixei de frequentar os *rocks* e as coisas da república. Eu não parei uma coisa para fazer a outra (Maria, 2023).

Segundo Ritz (2023), a autonomia do indivíduo no contexto de modernidades múltiplas e culturas híbridas promove a pluralidade, o trânsito religioso, a individualização da crença e a desinstitucionalização, aspectos que contribuem para a fragilização da herança religiosa. Dessa forma, foi acontecendo um distanciamento. Primeiramente, ela deixou de ir aos encontros. Depois, foi, aos poucos, deixando de ir à missa todos os domingos. A partir desse momento, Maria não quis mais voltar a frequentar a instituição, declarando: “Foi meu processo de rompimento com eles, com o grupo e com a religião”. A crença sem afiliação põe em evidência a hipótese de uma espiritualidade autônoma, ou seja, gerenciada de acordo com o discernimento e a experiência de indivíduos, e não vivenciada segundo as doutrinas, as orientações práticas e os sistemas de atos vinculados a uma instituição religiosa (Vieira & Senra, 2020). Rompe-se com o modelo em que é a instituição que detém o poder de gerenciamento da espiritualidade.

É esse cenário de desinstitucionalização que possibilita a emergência do que se convencionou chamar de sem religião. A seguir, apresentaremos as características que compõem o perfil dos indivíduos sem religião.

## **O sem religião: caracterizando a paciente da pesquisa**

As pesquisas sobre o perfil das pessoas sem religião avançam nas Ciências Sociais e nas Ciências da Religião no Brasil e no exterior, visto

que o “grupo de sem religião é o terceiro grupo no âmbito brasileiro e quarto no âmbito internacional” (Senra *apud* Senra, Ritz & Ecco, 2022: 554). Segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os ateus representavam 3,98% do grupo; os agnósticos, 0,87%; e os sem religião, 95,15% (IBGE, 2012). Nomeadamente, trata-se de uma terceira força religiosa, o grupo daquelas pessoas que se entendem como sem religião, segundo dados censitários (IBGE, 2012). Particularmente, no Brasil das últimas quatro décadas, o número de pessoas que assim se reconhecem saltou, de acordo o Censo, de 0,8% da população brasileira, em 1970, para 8,04%, em 2010 (Senra & Campos, 2014). No entanto, ainda surpreende que, em 2020, havia três vezes mais pessoas sem religião do que espíritas e cinco vezes mais do que candomblecistas e umbandistas, conforme pesquisa do Instituto Datafolha. Toniol acrescenta: “Esses dados contundentes refletem uma tendência nacional: o grupo ‘sem religião’ é o que mais cresce no Brasil, saltando de 8% da população em 2010 para quase 15% atualmente” (Toniol, 2025).

Para a pesquisadora Claudia Danielle de Andrade Ritz (2023: 259), o “fenômeno dos sem religião é demonstrado pelos dados, mas extrapola os números, e há aspectos nesse fenômeno que ainda estão em processo de compreensão”. No grupo dos sem religião, mais precisamente no subgrupo sem religião sem religião, encontram-se os sem religião com crença, sujeitos e sujeitas desinstitucionalizados que mantêm traços de suas pertencas religiosas, sejam elas cristãs ou não, recentes ou antigas. Esse fator não altera em nada sua condição de não afiliados e afiliadas. Segundo Flávio Senra, “devido à autodeclaração de não afiliação, nomeamos a esse tipo de experiência como espiritualidade sem religião” (Senra, 2022: 11). Isso caracteriza Maria como integrante do grupo de pessoas que se autodenominam sem religião, um fenômeno complexo e de muitas faces, que estimula nossa perspectiva como pesquisadores contemporâneos da religião. Mais especificamente, Maria pertence ao grupo dos que se autodeclararam sem religião com crença, pessoas que cultivam uma espiritualidade sem pertencimento às instituições religiosas.

Os sem religião com crença preservam a fé, contudo não se agregam a nenhuma igreja. Tudo indica que é uma fé diferenciada, uma fé independente de instituições religiosas (Senra, Carvalho & Vieira, 2020). Em uma tentativa de reintegrar-se à comunidade da qual seus pais faziam parte após a conclusão de seus estudos e seu retorno à cidade

natal, Maria encontrou-se em uma situação um tanto constrangedora. Dirigiu-se à comunidade com o intuito de averiguar a possibilidade de integrar o ministério de música, em especial se poderia retornar a suas atividades de canto. Maria não teve o retorno esperado, e foi aí que ela decidiu que iria servir do seu jeito:

Do jeito que eu sei, que é comigo mesma, com as pessoas que estão perto de mim. É a forma como eu faço meu teatro hoje. Eu acho que é uma forma que eu comunico amor, é uma forma para eu comunicar espiritualidade. A hora que eu gravo um vídeo cantando, converso com uma pessoa pra falar de qualquer assunto (Maria 2023).

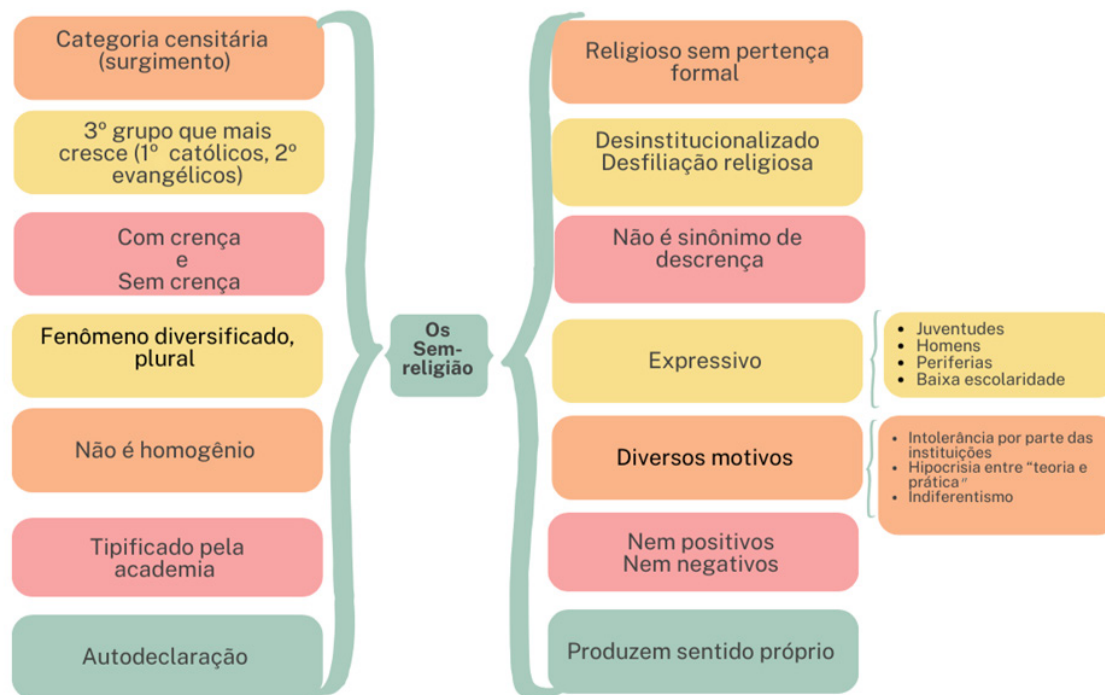
O ponto de partida para que Maria desenvolvesse sua espiritualidade não religiosa, para que ela se tornasse uma pessoa sem religião com crença, foi sua ruptura com a instituição.

De acordo com Flávio Lages Rodrigues (2023: 141), acontece o “esvaziamento religioso, ruptura, cisão, fratura e também o distanciamento das instituições religiosas”. Maria relatou o que aconteceu desde o período em que esteve na universidade até o retorno para casa:

Quando as pessoas que entraram comigo foram se formando ou também pararam de concordar com aquilo, elas também foram se afastando, e foi ficando um núcleo muito conservador, pois, para tal núcleo, se você não é dessa caixinha aqui, você não merece o amor de Deus. E aí eu passei a questionar muito a religião em si, a instituição em si, seja ela qual for (Maria, 2023).

A insatisfação com as instituições religiosas, refletida pelo crescimento do número de pessoas que se identificam como “não afiliadas”, desafia a importância da religião na sociedade contemporânea. Essa situação demanda uma nova abordagem, considerando a religião como um fenômeno em constante transformação e movimento. Além disso, levanta questionamentos sobre a forma como as pessoas se conectam com o que percebem como sagrado (Bravo Vega, 2024).

Destacamos, na Figura 1, as características que podem auxiliar a identificação e a descrição dos sem religião.



**Figura 1. Características dos sem religião.**

**Fonte:** Elaborada pela autora e por Thais Fernandes do Amaral na disciplina TECR: Sem-Religião –Facetas da Crença não Afiliada, ministrada por Flávio Senra no PPGCR da PUC Minas (2022).

A Figura 1 sistematiza as principais características do grupo classificado como sem religião, evidenciando a sua complexidade e a sua diversidade interna. Longe de representar um bloco homogêneo ou de indicar necessariamente ausência de fé, esse grupo abrange tanto pessoas com crenças quanto sem crenças, marcando uma tendência crescente nos censos populacionais. A compreensão desse fenômeno torna-se mais clara quando o relacionamos com a tríade composta de desafeição religiosa, desinstitucionalização e individualização da fé. Conforme apontado anteriormente, a desafeição refere-se ao afastamento subjetivo dos indivíduos em relação às instituições religiosas, muitas vezes por motivos como intolerância, contradições institucionais ou experiências negativas. A desinstitucionalização evidencia o abandono das estruturas formais de pertença religiosa, enquanto a individualização da fé aponta para a produção de sentidos espirituais próprios, fora dos moldes tradicionais. Assim, os “sem-religião” não representam um vazio religioso, mas, sim, um novo paradigma de vivência espiritual no contexto contemporâneo. A partir do momento em que passamos a ter conhecimento das caracte-

terísticas dos sem religião, podemos caminhar no sentido de entender a espiritualidade não religiosa vivenciada por eles. Vejamos de que forma Maria integra a espiritualidade não religiosa em sua rotina como paciente oncológica em cuidados paliativos.

## **Espiritualidade não religiosa e o enfrentamento da enfermidade**

Conhecer conceitos e definições acerca da espiritualidade nas ciências que se dedicam ao cuidado da saúde, seja física, seja mental, é buscar oferecer cuidado integral para o paciente. Tal cuidado se estende a todos que fazem parte da sua rede de apoio, inclusive à equipe de profissionais que o acompanha. Essa temática, a espiritualidade, requer olhares multi, inter e transdisciplinares. Nessa conjuntura, compreender a espiritualidade passa a ter uma relevância para a pesquisa, a prática clínica e a formação dos profissionais de saúde (Attard, Ross & Weeks, 2019; Lucchetti, Lucchetti & Puchalski, 2012). O debate sobre espiritualidade está se consolidando cada vez mais por meio da pesquisa científica. Estudos apontam para a importância da fé, seja a religiosa, seja a antropológica, em situações de enfrentamento das vulnerabilidades físicas e psíquicas do ser humano, e indicam a necessidade de reconstruir as relações entre ciência e espiritualidade (De Souza, 2022; Hill & Pargament, 2003; Koenig, 2012; Koenig, King & Carson, 2012; Lemos & Martins Filho, 2020; Moreira-Almeida, 2010; Sena *et al.*, 2021).

As definições acerca do termo “espiritualidade” são, porém, bastante variadas. De modo geral, a espiritualidade pode estar relacionada com a prática de uma religião. Comumente, as explicitações relativas ao termo se referem ao reconhecimento de alguma realidade expressa como transcendência, algo não material, ilógico ou carente de objetividade. Contudo, a espiritualidade pode ser reconhecida do ponto de vista de uma consideração mais ampla do viver com sentido e propósito, não necessariamente vinculada a uma doutrina ou uma prática religiosa (Esperandio, 2020; Esperandio & Caldeira, 2022; Esperandio & Fernandes, 2022; Esperandio & Leed Ladd, 2013; Esperandio & Souza, 2023; Esperandio *et al.*, 2022). Trata-se, em todo caso, de um termo socialmente reconhecido (Toniol, 2022). Nesse segundo horizonte explicitado, as definições de espiritualidade, para além do domínio das crenças religiosas, apontam para uma experiência que as pessoas reconhecem como livre de regras, regulações e responsabilidades associadas à religião.

Marià Corbí (2020) propõe substituir o termo “espiritualidade” por “qualidade humana profunda”, uma vez que considera que o conceito tradicional de espiritualidade está associado a uma antropologia dualista (corpo e espírito) e a estruturas religiosas de submissão, características das sociedades pré-industriais. Em contrapartida, Corbí apresenta uma proposta antropológica não dual, na qual o ser humano é compreendido como um “animal de fala”, cuja linguagem permite o acesso simultâneo à dimensão relativa (vinculada às necessidades) e à dimensão absoluta da realidade (além das necessidades).

Nesse contexto, a “qualidade humana profunda” refere-se à capacidade de cultivar uma consciência lúcida dessas duas dimensões, promovendo uma vivência plena e significativa da realidade. Para Marià Corbí, as sociedades contemporâneas, marcadas pela inovação e pelo conhecimento, demandam uma espiritualidade desinstitucionalizada, desvinculada de dogmas e crenças fixas. Assim, a qualidade humana profunda torna-se uma alternativa laica para o desenvolvimento pessoal e coletivo, baseada em práticas como o interesse incondicional pela realidade, o distanciamento crítico e o silenciamento interior (Corbí, 2022).

Essa abordagem propõe uma espiritualidade sem religião, centrada na experiência humana e na construção de projetos axiológicos coletivos que promovam o bem-estar e a convivência harmoniosa, sem a necessidade de adesão a sistemas religiosos tradicionais (Corbí, 2020).

Tomamos, portanto, a espiritualidade pela óptica do epistemólogo Marià Corbí. Com isso, buscamos investigar a questão do cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda e identificar os desafios que uma paciente que se declara sem religião enfrenta no seu cotidiano, no seu processo de adoecimento. Abordaremos as mudanças de sentido do religioso e da espiritualidade quando tratamos da questão da crença sem afiliação em uma pessoa sem religião como resultado de um processo de individualização da crença e de desinstitucionalização da experiência religiosa.

Maria nos traz a sua definição de espiritualidade:

Eu comecei a enxergar a espiritualidade, a religiosidade, não sei nem qual palavra usar, em outras coisas, na forma como eu me expresso politicamente, como eu converso com as pessoas, na forma como eu paro e olho aqui minha vista. Na forma como a lua ontem estava linda, estava espetacular, na forma como eu sento e olho lá e, tipo, cinco minutos nesse contato com a natureza. Tem outras formas que não é só o ajoelhar e fazer uma oração em si, que não é errado, mas que

também não é o único jeito certo. E foi esse momento que, descobrindo outras coisas, no momento onde o cachorro me olha e faz aquele gesto de carinho e é possível enxergar outras formas de amor (Maria, 2023).

A espiritualidade surge, portanto, como uma consequência da retirada de crenças, valores, experiências e significados relacionados ao sagrado que estavam vinculados às estruturas institucionais. Optar por abandonar a religião formal e seguir uma prática espiritual não se trata apenas de uma decisão religiosa ou filosófica, mas, principalmente, de uma busca por um modo de vida. Trata-se de uma rejeição às fórmulas tradicionais e de uma tentativa de encontrar novos sentidos transcendentos (De la Torre & Gutiérrez Zúñiga, 2011).

A espiritualidade pode, nessa perspectiva, ser uma experiência observável em pessoas sem religião (Lira & Adam, 2023; Ritz & Senra, 2022; Senra, 2020; Senra, Carvalho & Vieira, 2020; Senra & Souza, 2021). Isso não impedia Maria de participar de cultos e celebrações na sua religião de origem. Ela podia ir e viver esse momento quando sentia vontade.

Maria expôs que, no início, se questionou muito, mas nada como “nossa, Deus, por que eu?”. Os questionamentos eram voltados para a busca de informações, para entender o que estava acontecendo com ela e como ela teria de proceder para encontrar a melhor forma de se tratar. A princípio, se dedicou a procurar o que a ciência tinha a lhe oferecer. Ela citou que ficou um “pouco cética”, excluindo tudo o que era “espiritual”. Depois, em determinado momento, viu-se fazendo o oposto, procurando terapias alternativas, pseudociências nada convencionais. Nesse momento, surgiu o seguinte questionamento: se a vivência, o aprendizado por ela adquirido desde o diagnóstico até o momento, levou-a a alguma prática, algo que a remetesse ao cultivo da espiritualidade, qual era a percepção dela sobre esse tema? Maria respondeu da seguinte forma:

Sim. Uma coisa que eu comecei a fazer logo no começo, e aí depois disso meio que se tornou rotina. Quando eu estou ingerindo o medicamento, quando eu tomo ele, eu penso nessa cura. Apesar de saber que não tem cura, eu sei que ele pausa, e eu estou em pausa. Então, é isso de tomar o remédio, e, cara, faz teu trabalho aí... [risos]. Faz teu trabalho aí que eu estou fazendo o meu trabalho aqui. E ele passou a realmente fazer parte, assim (Maria, 2023).

Reconhecemos que a espiritualidade pode favorecer um diálogo com a existência concreta das pessoas e das sociedades e os seus desafios (De Souza, 2013, 2019, 2022).

Flávio Senra (2014) propõe a reflexão acerca da espiritualidade como uma dimensão imaterial da condição humana, que se manifesta no agir existencial e nos desafios comuns a todos os seres humanos, embora se expressem de maneira singular na trajetória individual. “O caminho da espiritualidade é um caminho de homens e mulheres em seus desafios históricos, existenciais, políticos, sociais e econômicos” (Senra, 2014: 657). E Maria, com muita clareza e sem medo de relatar o que realmente lhe causava desconforto, seguiu falando o que achava importante para ela:

E aí, eu vejo que eu acabo ocupando tudo o que eu posso de outras formas, assim, né? Para não dar tempo de pensar. Então, acho que, de toda e qualquer forma, esse é um momento em que eu fico questionando. Aí foi um momento que questionei: “por que eu?”. Não pelo câncer, mas eu fiquei assim: “Gente, se tanta mulher que não quer ter filho engravidada, por que que eu queria e eu não posso ter?”. Aí eu falava assim: “Por que uns têm tanto e outros não têm nada?” [risos]. E aí, eu lembro do meu tio, que tem 14 filhos, a resposta dele é: “Por que Deus quis?”. E aí, eu falo: “Então, tá, eu não tenho por que Deus não quer?”. E aí gera esse questionamento do porquê. Isso, para mim, é a parte mais dolorida, assim, as dores físicas, as mudanças, o tratamento em si, os exames, as perfurações, para mim... não falo que é tranquilo no sentido de gostoso, mas eu aceito. Igual eu falei, eu aceito hoje como parte da minha vida (Maria, 2023).

Maria sacralizou coisas que não são comumente entendidas como religiosas, espirituais ou transcendentais, transformou adversidades em momentos de contemplação, carregados de significado e aprendizado. Os sem religião assumem a responsabilidade do controle da própria espiritualidade. Com isso, concluímos que o sem religião só pode ser entendido como alguém aberto às possibilidades. O contexto, o cenário histórico, as particularidades da enfermidade direcionam o modo pelo qual o paciente sem religião conduzirá e se relacionará com tudo aquilo que transcende a realidade material. Em consequência, esse perfil provoca – tanto aos cientistas quanto aos profissionais que lidam com situações que envolvem saúde e adoecimento – um redirecionamento dos trabalhos: a escuta antes da imposição, o diálogo antes do determinismo preconcebido, a pessoa antes da doença.

## Conclusão

O presente artigo teve como objetivo analisar como uma pessoa, que se autodeclara sem religião e com uma doença ameaçadora da vida, vivencia a espiritualidade. Nesse contexto, a espiritualidade é livre, conduzida tendo como base o discernimento e a experiência das pessoas, e não segundo doutrinas, orientações práticas e sistemas de atos vinculados a uma instituição religiosa. É desinstitucionalizada. Não é a instituição que controla a espiritualidade. Os sem religião assumem a responsabilidade do controle da própria espiritualidade. Nesse sentido, percebemos que a espiritualidade não religiosa pode ser uma alternativa para se trabalhar a dimensão espiritual no cuidado integral da saúde, respeitando padrões sociais e culturais, de uma forma não confessional. As diferenças entre espiritualidade, religiosidade e religião são muitas, porque o campo se modifica continuamente. As definições mudam constantemente, e isso pode causar diferenças. É importante estarmos atentos a essas diferenças. Elas precisam ser levadas em consideração no momento de escolha de instrumentos de pesquisa e no cuidado com pessoas que estão em processo de adoecimento, diante de uma ameaça à sua saúde.

Apresentamos, por meio da história de vida de Maria, como é possível a integração do cultivo de uma espiritualidade não religiosa em um momento de extrema vulnerabilidade do ser humano, quando ele se depara com a questão da finitude da vida. Isso possibilita que nos dediquemos ao interesse de promover o bem-estar do próximo, caminhando ao encontro do interesse do outro. Permite que nos preocupemos em ajudar alguém que esteja passando pelo processo de adoecimento, levando alívio e bem-estar, por meio da espiritualidade, no nosso caso, a espiritualidade não religiosa. Mediante uma investigação empírica, observamos e analisamos como uma pessoa com doença ameaçadora da vida e que se autodenomina sem religião vivencia o que compreende ser crença, fé ou espiritualidade. Isso se deu pela análise da entrevista realizada com a paciente.

No Brasil, o grupo dos sem religião é composto de agnósticos, ateus e pessoas sem religião que têm crenças. Os sem religião com crença, na maioria das vezes, são pessoas que cultivam uma espiritualidade desinstitucionalizada, que contém vestígios, traços herdados de suas últimas experiências ou de suas tradições religiosas de origem. A mudança está

na desafiliação. O afastamento das instituições religiosas, a desinstitucionalização, é um fator decorrente da desafeição religiosa, como a individualização da crença, formando, assim, a tríade desafeição religiosa/desinstitucionalização/individualização da crença.

Foram exatamente as circunstâncias que encontramos na história de vida da Maria: vestígios de crenças pertencentes à sua instituição de origem. Isso a caracterizou como uma pessoa sem religião com crença. É importante que se apresentem novas perspectivas sobre o que pode ser uma espiritualidade não religiosa, para podermos conhecer e entender os diferentes conceitos sobre espiritualidade. Dada a complexidade do contexto brasileiro, são necessários o aperfeiçoamento e o aprimoramento de treinamentos para profissionais da área de saúde, principalmente quando o tema envolve espiritualidades não religiosas no cuidado integral à saúde.

## Referências bibliográficas

ATTARD, Josephine; ROSS, Linda; WEEKS, Keith W. Developing a spiritual care competency framework for pre-registration nurses and midwives. In: *Nurse Education in Practice*, v.40, pp.96-104, 2019.

BRAVO VEGA, Fabián. 'No-religión' y 'religiosidad liminal': propuestas investigativas para el estudio de la desafección religiosa institucional en América Latina. *Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones*, v. 29, pp.105-116, 2024.

CORBÍ, Marià. *Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religiões, sem deuses*. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. *Proyectos colectivos para sociedades dinámicas: principios de Epistemología Axiológica*. Barcelona: Herder, 2020.

\_\_\_\_\_. *La mente y la cualidad humana. Principios de Epistemología Axiológica 8*. Espanha: Bubok Publishing S.L., 2022.

DE LA TORRE, Renée; GUTIÉRREZ ZÚÑIGA, Cristina. La neomexicanidad y los circuitos *new age*: ¿Un hibridismo sin fronteras o múltiples estrategias de síntesis espiritual? In: *Archives de sciences sociales des religions*, v.56, n.153, pp.183-206, 2011.

DE SOUZA, Carlos Frederico Barboza. Espiritualidade e bioética. In: *Revista Pistis & Praxis*, v.5, n.1, pp.123-145, 2013.

\_\_\_\_\_. Apresentação. Dossiê: Judaísmo: Religião, cultura, nação. In: *Horizonte*, v.17, n.52, pp.5-14, 2019.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade na perspectiva das Ciências da Religião. *Revista Senso*, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://revistasenso.com.br/espiritualidade/espiritualidade-na-perspectiva-das-ciencias-da-religiao/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

FARIA, Fabiana de. *Espiritualidade e saúde: o cultivo da qualidade humana e da qualidade humana profunda no enfrentamento da enfermidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Espiritualidade no contexto da saúde: uma questão de saúde pública? In: LEMOS, Carolina Teles; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. (orgs.). *Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020, pp.156-173.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CALDEIRA, Sílvia (orgs.). *Espiritualidade e saúde: fundamentos e práticas em perspectivas luso-brasileira*. Curitiba: PUCPress/Editora Universitária Champagnat, 2022.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; FERNANDES, Marcio Luiz. A pesquisa em espiritualidade, bioética e saúde no Brasil e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUPCPR. In: HOLANDA, Adriano Furtado (org.). *Espiritualidade, religiosidade, psicologia e saúde: diálogos e pesquisas*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, pp.46-73.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; LEED LADD, Kevin. Oração e Saúde: questões para a Teologia e para a Psicologia da Religião. In: *Horizonte*, v.11, n.30, pp.627-656, 2013.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; SOUZA, Carlos Frederico Barboza de. A integração da dimensão espiritual no cuidado em saúde faz sentido? In: *Interações*, v.18, n.2, pp.1-8, 2023.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CHEMIM, Marcia Regina Chizini; SOUZA, Waldir; FREITAS, Marta Helena. Espiritualidade, religiosidade e religião: conceitos e implicações para a pesquisa e práticas de cuidado. In: ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CALDEIRA, Sílvia (orgs.). *Espiritualidade e saúde: fundamentos e práticas em perspectiva luso-brasileira*. Curitiba: PUCPress/Editora Universitária Champagnat, 2022, pp.47-61.

FONTÃO, Paulo Celso Nogueira. Contribuição da Medicina para a espiritualidade e saúde. In: ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CALDEIRA, Sílvia (orgs.). *Espiritualidade e saúde: fundamentos e práticas em perspectiva luso-brasileira*. Curitiba: PUCPress/Editora Universitária Champagnat, 2022, pp.77-86.

HAGUETTE Tereza Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

HIIL, Peter C.; PARGAMENT, Kenneth I. Advances in the conceptualization and measurement on religion and spirituality: implications for physical and mental health research. In: *American Psychologist*, v.58, n.1, pp.64-74, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KOENIG, Harold G. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KOENIG, Harold G.; KING, Dana E.; CARSON, Verna Benner (orgs.). *Handbook of religion and health*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2012.

LEMOS, Carolina Teles; MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. *Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e do morrer*. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020.

LIRA, André Augusto Diniz; ADAM, Júlio César. A emergência do conceito de “espiritualidade não religiosa”: contribuições de obras de referência terminológica. In: *REVER – Revista de Estudos da Religião*, v.23, n.2, pp.377-389, 2023.

LUCCHETTI, Giancarlo; LUCCHETTI, Alessandra Lamas Granero; PUCHALSKI, Christina M. Spirituality in medical education: global reality? In: *Journal of Religion and Health*, v.51, n.1, pp.3-19, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. O crescente impacto das publicações em espiritualidade e saúde e o papel da Revista de Psiquiatria Clínica. In: *Archives of Clinical Psychiatry*, v.37, n.2, pp.41-42, 2010.

OLIVEIRA, Joelson Bruno Dias. Cuidado espiritual especializado nos cuidados paliativos: reflexões e vivências de um assistente espiritual. In: *Revista Pistis & Praxis – Teologia e Pastoral*, v.14, n.3, pp.741-757, 2022.

PARGAMENT, Kenneth I. *Spiritually integrated psychotherapy: understanding and addressing the sacred*. New York: The Guilford Press, 2011.

PUCHALSKI, Christina M; VITILLO, Robert; HULL, Sharon K; RELLER, Nancy. Improving the spiritual dimension of whole person care: reaching national and international consensus. In: *Journal of Palliative Medicine*, v.17, n.6, pp.642-656, 2014.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade; SENRA, Flávio. Pessoas sem religião com crenças: considerações sobre o fenômeno religioso dos sem religião. In: *Caminhos*, v.20, n.3, pp.316-334, 2022.

RIEGER, Ivy Alana. Popular religion or lived religion? Exploring indigenous religious festival practice in Mexico. In: *International Journal of Latin American Religions*, v.7, n.1, pp.124-146, 2023.

RODRIGUES, Flávio Lages. *O rock e a espiritualidade não religiosa: estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte*. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SANCHIS, Pierre. “O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?” Entrevista com Pierre Sanchis. *IHU On-Line*, 30 nov. 2006.

Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/2049-o-campo-religioso-sera-ainda-hoje-o-campo-das-religoes-entrevista-com-pierre-sanchis> > (Acessado em: 30/08/2025).

SENA, Marina Aline de Brito; DAMIANO, Rodolfo Furlan; LUCCHETTI, Giancarlo; PERES, Mario Fernando Prieto. Defining spirituality in healthcare: a systematic review and conceptual framework. In: *Frontiers in Psychology*, v.12, pp.1-11, 2021.

SENRA, Flávio. Crise e emancipação no horizonte das espiritualidades não religiosas. In: *Horizonte*, v.12, n.35, pp.654-657, 2014.

\_\_\_\_\_. Espiritualidade não religiosa. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (orgs.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020, pp.71-77.

\_\_\_\_\_. Sem religião: um tema para investigação. In: *Interações*, v.17, n.1, pp.8-13, 2022.

SENRA, Flávio; SOUZA, Jonathan Félix de. Espiritualidad como cualidad humana y cualidad humana profunda en el pensamiento de Marià Corbí. In: *Theologica Xaveriana*, v.71, pp.1-26, 2021.

SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. Senso religioso contemporâneo e os sem-religião: uma provocação a partir de Emmanuel Lévinas. In: *Caminhos*, v.12, n.2, pp.312-331, 2014.

SENRA, Flávio; CARVALHO, Izabella Faria de; VIEIRA, José Álvaro Campos. Os sem religião: espacialização e vozes de uma transformação. In: *Caderno de Geografia*, v.30, n.61, pp.480-498, 2020.

SENRA, Flávio; RITZ, Claudia; ECCO, Clóvis. Entrevista concedida por Flávio Senra a Claudia Ritz e Clóvis Ecco sobre o fenômeno dos sem religião. In: *Caminhos*, v.20, n.3, pp.545-556, 2022.

TONIOL, Rodrigo. *Espiritualidade incorporada: pesquisas médicas, uso clínico e políticas públicas na legitimação da espiritualidade como fator de saúde*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2022.

\_\_\_\_\_. Adeus, igrejas? A ascensão dos sem religião no Brasil. In: *Folha de S.Paulo*, 23 jan. 2025. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/01/adeus-igrejas-a-ascensao-dos-sem-religiao-no-brasil.shtml> > (Acessado em: 23/01/2025).

VIEIRA, José Álvaro Campos; SENRA, Flávio. Espiritualidade sem-religião: o cultivo da qualidade humana. In: *Síntese: Revista de Filosofia*, v.47, n.149, pp.605-633, 2020.

VILLAS BOAS, Alex; ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CALDEIRA, Sílvia; INCERTI, Fabiano. From selfcare to taking care of our common home: spirituality as an integral and transformative healthy lifestyle. In: *Religions*, v.14, n.9, pp.1168, 2023.

ZINNBAUER, Brian J.; PARGAMENT, Kenneth I.; SCOTT, Allie B. The emerging meanings of religiousness and spirituality: problems and prospects. In: *Journal of personality*, v.67, n.6, pp.889-919, 1999.

## Notas

<sup>1</sup> O ambiente em questão é uma ONG, um Grupo de Apoio a Pacientes Oncológicos, que se dedica ao acolhimento e à assistência a pacientes oncológicas e seus familiares. Um espaço físico onde as pacientes desenvolvem diversas atividades (costura, artesanato, pilates, canto, fisioterapia), recebem apoio nutricional, psicológico, jurídico etc. Durante a nossa participação nas atividades dessa ONG e no acompanhamento dos relatos narrados pelas pacientes oncológicas por ela assistidas, o “fator religião” é algo que se fez muito presente no enfrentamento da enfermidade. Esse fator estava sempre presente na fala das pacientes ao descreverem qual era, desde a confirmação do diagnóstico e durante o tratamento, a fonte de encorajamento, a força e a esperança de melhora e cura: a fé religiosa. A paciente que colaborou com o nosso estudo prendeu nossa atenção, inicialmente por suas características físicas e comportamentais, por ter pouca idade, um cabelo azul e um sorriso cativante. E por sempre estar em busca de esclarecimentos sobre como ter qualidade de vida mesmo tendo um diagnóstico de uma doença ameaçadora da vida. Diferentemente das outras pacientes participantes do grupo, ela se autointitulava sem religião. Por isso, o convite para participar da pesquisa foi compartilhado e aceito voluntariamente.

<sup>2</sup> IDS corresponde à prática de Interesse, Distanciamento, Silenciamento, e ICS à prática de Indagação, Comunicação, Serviço Mútuo. São a herança da sabedoria dos antepassados que foi formulada em mitos, narrativas e tradições espirituais, das quais essa expressão conceitual foi extraída em uma forma secular e sem crenças, para poder ser assimilada pelas sociedades do conhecimento pela EA corbiana.

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo sociólogo da religião Pedro Ribeiro para conceituar o processo que leva sujeitos e sujeitas sem religião a se direcionarem à desinstitucionalização e ao cultivo da fé numa perspectiva individual, promovendo a individualização da crença (Senra, 2022: 9).

<sup>4</sup> Maria faleceu no dia 10 de outubro de 2023.

Recibido el: 23/01/2025

Aprobado el: 23/04/2025

*Personas sin afiliación religiosa y enfermedad:  
espiritualidad no religiosa de pacientes en cuidados paliativos*

**Resumen:** Las investigaciones que relacionan la salud y la espiritualidad son fundamentales para integrar el cuidado con la dimensión espiritual de manera ética y coherente. Este artículo busca destacar, a través de un estudio de caso, la experiencia de la espiritualidad no religiosa de una paciente en cuidados paliativos. Para ello, utilizamos un enfoque cualitativo, combinando investigación bibliográfica y entrevistas individuales, con el fin de identificar en qué medida la vida cotidiana y la experiencia de una sola persona se alinean con las teorías previamente establecidas sobre la desinstitucionalización, las personas sin religión y la espiritualidad no religiosa. Además de explorar cómo el cultivo de la calidad humana y la calidad humana profunda, en términos de Marià Corbí, puede colaborar positivamente en el trato con pacientes que se declaran sin religión, observamos que, incluso sin pertenecer a una institución, la paciente experimenta una espiritualidad no religiosa, manifestando creencias que pertenecían a su institución de origen, de la que se desinstitucionalizó, lo que la caracteriza como sin religión con creencias. La historia de vida evidencia la importancia de considerar la dimensión espiritual de forma individualizada, respetando su trayectoria, independientemente de si pertenece o no a una denominación religiosa. Por lo tanto, queda clara la necesidad de contar con profesionales preparados para ofrecer y promover una atención más humana y respetuosa.

**Palabras clave:** Desinstitucionalización; Sin religión; Sin religión con creencias; Espiritualidad no religiosa; Salud; Cuidados paliativos

*A person with no religious affiliation and illness:  
non-religious spirituality of patient in palliative care*

**Abstract:** Research relating health and spirituality is fundamentally important in order to integrate care with the spiritual dimension in an ethical and coherent way. This article seeks to highlight, through a case study, the experience of non-religious spirituality of a patient in palliative care. To do this, we used a qualitative approach, combining bibliographical research and individual interviews, to identify the extent to which the daily life and experience of a single person aligns with previously established theories on deinstitutionalization, people without religion and non-religious spirituality. In addition to exploring how the cultivation of human quality and deep human quality in Marià Corbí's terms can collaborate positively in dealing with patients who declare themselves to have no religion, we observed that, even without belonging to an institution, the patient experiences a non-religious spirituality, manifesting beliefs that belonged to her institution of origin, from which she deinstitutionalized. This characterizes her as having no religion with

belief. Her life story highlights the importance of considering the spiritual dimension in an individualized way, respecting her trajectory, regardless of whether or not she belongs to a religious denomination. This makes it clear that professionals need to be prepared to offer and promote more humane and respectful care.

**Keywords:** Deinstitutionalization; No religion; No religion with belief; Non-religious spirituality; Health; Palliative care